

ENTRE VIVER E COMPREENDER

**Fenomenologia
no Contexto
Social**

Maneiras de enxergar a sociedade
pelo olhar da experiência

**ONDE A
EXISTÊNCIA
ENCONTRA
O
COTIDIANO**

VOL. 1 | NOV 2025



00000000000000



FENOMENOLOGIA E A NOÇÃO DE SER NO MUNDO

**CONCEITO E
MÉTODO NO
CONTEXTO SOCIAL**

**PROFESSOR ORIENTADOR:
MÁRCIA CRISTINA DOS REIS E
JESSIKA BORGES LIMA
SANTOS**

**ADRIANA GATTI VAZ-
RA: 1252412312**

**GIOVANA EVANGELISTA-
RA: 1252413030**

**MARIAH MONTEIRO-
RA: 12524130741**

**MAYSA FRANCO DA SILVA-
RA: 1252411531**

SUMÁRIO

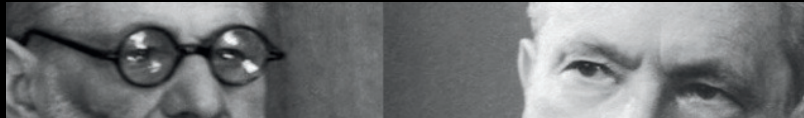
REVISTA
ENTRE VIVER E
COMPREENDER

EDITORIAL



3

QUANDO A
CONSCIÊNCIA
ENCONTRA A
EXISTÊNCIA



4

A MENTE POR
TRÁS DA
FENOMENOLOGIA



5

O MOVIMENTO
QUE MUDOU O
PENSAR



6

EXPERIÊNCIA
FENOMENOLÓGICA
NO CAMPO SOCIAL



7

A ÉTICA DA
PRESENÇA



8

ESCUTAR A DOR
E RECONHECER
A FORÇA



9

O SER-NO-
MUNDO:
EXISTÊNCIA E
COTIDIANO



10

SUMÁRIO

REVISTA
ENTRE VIVER E
COMPREENDER

CULTURA EM
EXPERIÊNCIA



11-12

O SENTIDO DAS
NOSSAS AÇÕES
COTIDIANAS



13

SER-NO-MUNDO
PERIFÉRICO



14

A ESCUTA
FENOMENOLÓGICA
NA CLÍNICA E NA
SAÚDE MENTAL



15

SER-NO-MUNDO
DIGITAL



16

FENOMENOLOGIA
E MUNDO VIVIDO



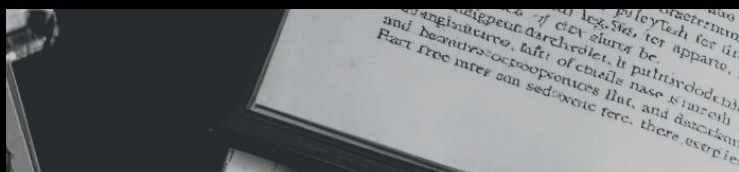
17

ONDE O EU
ENCONTRA O
OUTRO



18

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS



19

EDITORIAL

O SER-NO-MUNDO E O MUNDO DO SER

FENOMENOLOGIA NO CONTEXTO SOCIAL

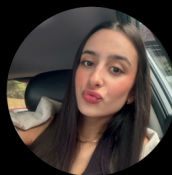
UM OLHAR PARA ALÉM DA APARÊNCIA

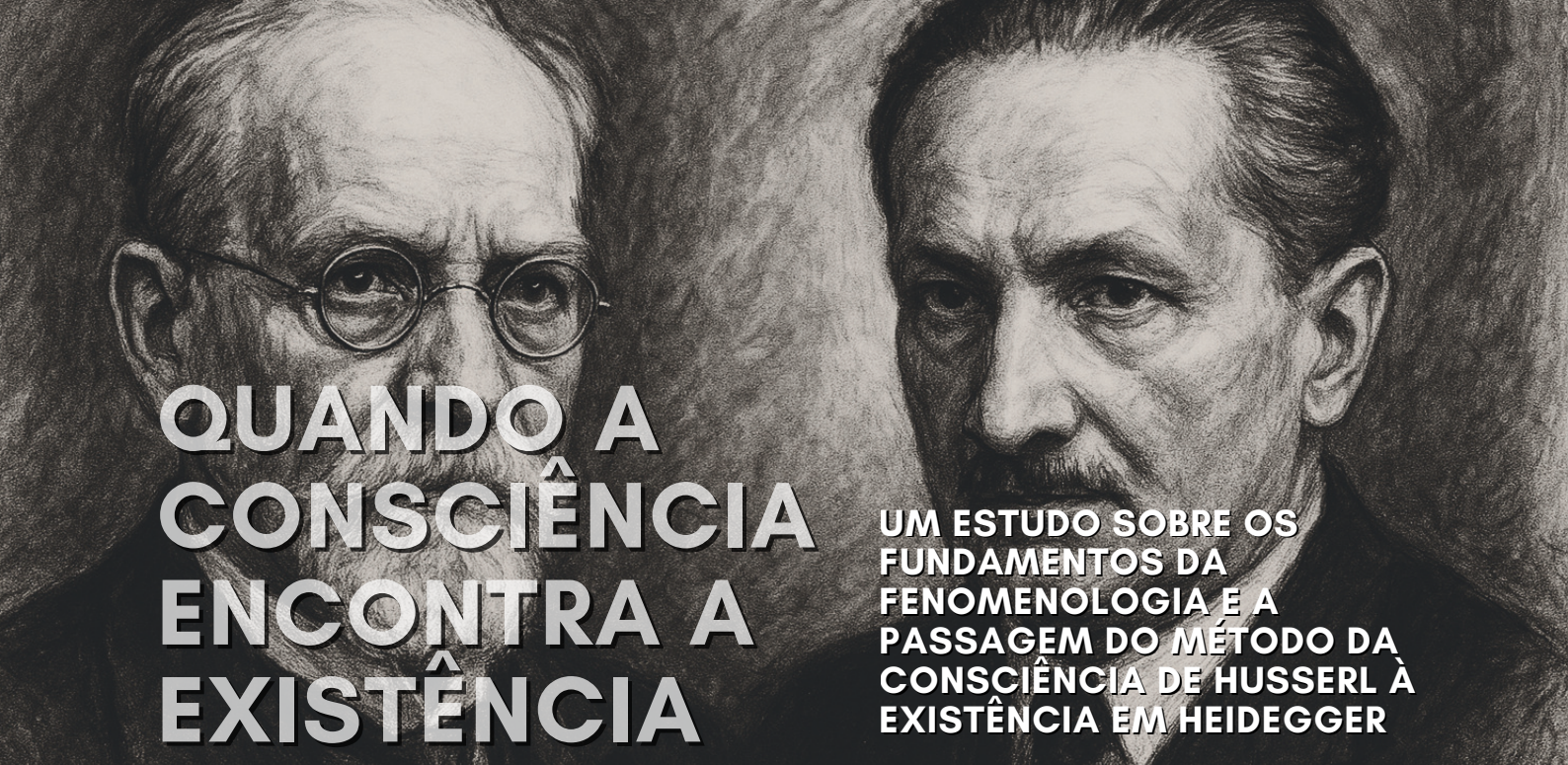
Estar no mundo não é apenas existir, mas experimentar, interagir e construir sentidos. A Fenomenologia nos lembra disso: o ser humano não é um sujeito isolado, mas um ser-no-mundo, sempre atravessado por relações, linguagens e práticas sociais.

No entanto, vivemos tempos em que a pressa e a superficialidade ameaçam apagar a profundidade da experiência. Reduzimos a vida a dados, números e algoritmos, nos fazendo esquecer o simples gesto de habitar o mundo com consciência.

Retomar a Fenomenologia é um ato de resistência. É reaprender a ver o que está diante de nós, a escutar o outro, a valorizar o vivido. Mais do que filosofia, trata-se de uma necessidade social: resgatar o sentido da experiência humana.

Este número da revista é, assim, um convite. Um chamado para olharmos de novo para o mundo, e para nós mesmos, com a atenção e a presença que nossa condição de ser-no-mundo exige.





QUANDO A CONSCIÊNCIA ENCONTRA A EXISTÊNCIA

UM ESTUDO SOBRE OS
FUNDAMENTOS DA
FENOMENOLOGIA E A
PASSAGEM DO MÉTODO DA
CONSCIÊNCIA DE HUSSERL À
EXISTÊNCIA EM HEIDEGGER

A fenomenologia surgiu no início do século XX com Edmund Husserl, que estudava a experiência humana tal como ela se apresenta à consciência. Martin Heidegger levou essas ideias adiante, explorando o que significa existir e como vivemos no mundo.

Husserl propôs estudar a consciência suspendendo julgamentos sobre a realidade, para compreender os fenômenos exatamente como aparecem. Seu objetivo era descobrir a essência da experiência humana, valorizando o sujeito e a forma como ele percebe o mundo.

Aluno de Husserl, Heidegger seguiu um caminho próprio e revolucionou a fenomenologia.

Ele focou na existência humana, analisando como vivemos, sentimos, agimos e nos relacionamos no mundo. Em sua obra mais famosa, *Ser e Tempo*, Heidegger propõe a ideia de ser-no-mundo, mostrando que a existência é inseparável do contexto em que vivemos.

Husserl nos ensinou a observar a experiência; Heidegger nos mostrou como viver e existir. Juntos, eles conectam filosofia e vida.



A MENTE POR TRÁS DA FENOMENOLOGIA

O PENSAMENTO QUE TRANSFORMOU A MANEIRA DE ENTENDER A EXPERIÊNCIA HUMANA

Para Edmund Husserl, a fenomenologia é, antes de tudo, um método rigoroso de investigação da consciência. Seu objetivo era compreender como o ser humano atribui sentido à realidade e de que modo o mundo se constitui dentro da própria consciência

Por essa razão, sua proposta recebeu o nome de fenomenologia transcendental, pois busca investigar as condições internas que tornam possível qualquer experiência. O filósofo parte da ideia central de que “toda consciência é consciência de algo” — isto é, toda vivência está intencionalmente dirigida a um objeto ou fenômeno.

Para alcançar uma descrição pura da experiência, Husserl propõe o exercício da epoché, ou suspensão do juízo, que consiste em colocar entre parênteses todas as crenças e pressupostos sobre o mundo externo. Assim, o pesquisador pode analisar como os fenômenos se manifestam à consciência, sem interferência de interpretações prévias.



O MOVIMENTO QUE MUDOU O PENSAR

**UM PONTO DE VIRADA NA FILOSOFIA:
DA ANÁLISE DO PENSAR AO ENCONTRO VIVO COM O SENTIDO DE EXISTIR**

Embora Martin Heidegger tenha adotado o método fenomenológico herdado de Husserl, ele transformou radicalmente o seu objeto de investigação. Heidegger criticou o mestre por manter o foco na consciência e na subjetividade, argumentando que o ser humano não é apenas uma mente que observa o mundo, mas um ser que existe e age dentro dele.

Ele promoveu o que se convencionou chamar de virada ontológica, isto é, a passagem de uma fenomenologia centrada na consciência para uma fenomenologia ontológica-existencial. Essa nova abordagem busca compreender o sentido do ser (ontologia) a partir da existência humana concreta (existencial).

Para Heidegger, o ser humano é o Dasein, termo alemão que significa literalmente "ser-aí" ou "ser-no-mundo". O Dasein é um ser que sempre está em relação com o mundo, com os outros e com o tempo — sua existência é dinâmica, situada e inevitavelmente envolvida no contexto em que vive.

Assim, a fenomenologia deixa de ser uma análise da consciência pura e passa a ser uma análise do ser, buscando compreender como o ser humano vive, sente e se projeta no mundo, revelando o caráter existencial e temporal da experiência humana.

EXPERIÊNCIA FENOMENOLOGICA NO CAMPO SOCIAL

ENTRE O ENCONTRO E O
CUIDADO:
O TRABALHO SENSÍVEL DO
SERVIÇO ESPECIALIZADO DE
ABORDAGEM SOCIAL

O Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS) é uma política pública essencial do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Voltada para o atendimento a pessoas em situação de rua ou em contextos de vulnerabilidade social nas ruas e espaços públicos.

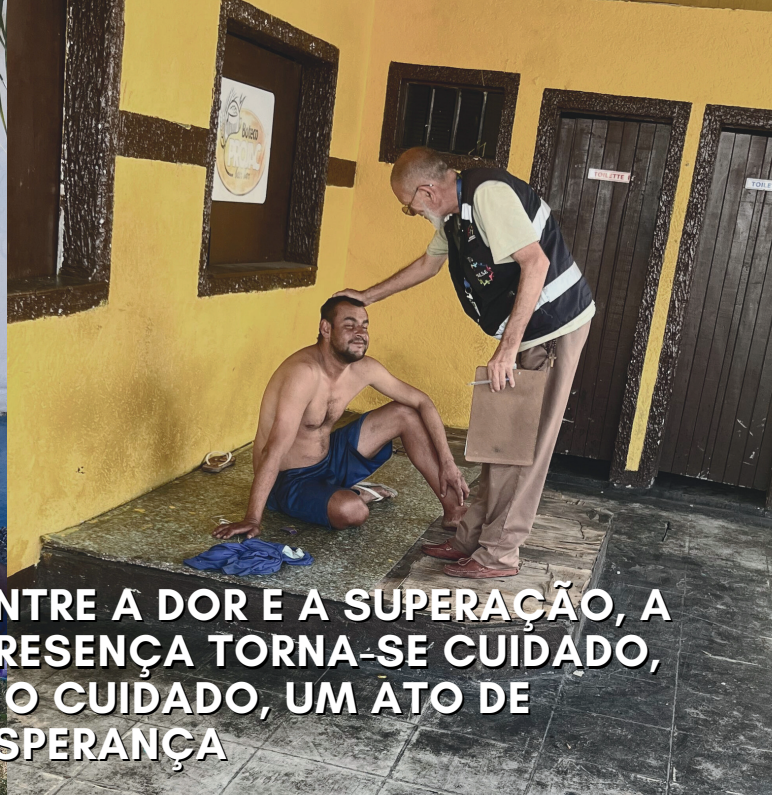
Em Itaquaquecetuba a equipe do SEAS percorre ruas, praças, viadutos e outros espaços da cidade, identificando situações de violação de direitos e oferecendo orientação, apoio e acesso a serviços da rede socioassistencial — como Centro de Referência Especializado para população em situação de rua, unidades de acolhimento e serviços de saúde.

O trabalho é marcado por uma presença sensível e ética, que respeita o tempo, o espaço e as escolhas de cada pessoa. A abordagem não é impositiva, ela nasce do encontro, da escuta atenta e da construção de confiança. É nesse espaço de aproximação que a equipe do SEAS se torna ponte entre o invisível e o visível, entre o direito e a vida cotidiana.



Mais do que um serviço, o SEAS representa um modo de estar com o outro — reconhecendo a dignidade e a singularidade de cada trajetória.

A ÉTICA DA PRESENÇA



ENTRE A DOR E A SUPERAÇÃO, A PRESENÇA TORNA-SE CUIDADO, E O CUIDADO, UM ATO DE ESPERANÇA

No SEAS, cada encontro entre profissional e pessoa em situação de rua é mais do que uma ação de assistência: é um momento de escuta e presença.

A partir da fenomenologia, entende-se que esse contato ganha sentido quando o profissional se faz realmente presente, reconhecendo o outro em sua experiência e fortalecendo laços de confiança e respeito.

O vínculo nesse contexto não acontece de forma imediata — ele se constrói aos poucos, a partir da escuta genuína, da atenção e da presença ética do profissional.

Cada conversa, gesto e troca carrega sentidos que fortalecem a confiança e fazem com que a pessoa atendida se sinta reconhecida em sua individualidade.

Sob uma perspectiva fenomenológica, estar com o outro é comprometer-se em compreender sua vivência, suas dores e maneiras de existir no espaço da cidade.

Refletir sobre a prática do SEAS a partir de uma perspectiva fenomenológica evidencia que a presença ética não é apenas um ato físico, mas uma postura de responsabilidade moral: reconhecer o outro, respeitar sua autonomia e valorizar sua dignidade. Nesse sentido, o vínculo construído no cotidiano do SEAS é simultaneamente experiência, ética e transformação, demonstrando que estar com o outro é, acima de tudo, uma prática de cuidado reflexivo, sensível e humana.



ESCUTAR A DOR E RECONHECER A FORÇA

COMO A ESCUTA E A PRESENÇA
TRANSFORMAM O SOFRIMENTO
EM FORÇA E RECONECTAM
VIDAS NO TRABALHO SOCIAL

No dia a dia do SEAS, cada encontro é uma história viva. Histórias de quem enfrentou a dor, a exclusão e, ainda assim, encontrou caminhos para seguir.

Estar presente com essas pessoas é mais do que oferecer apoio — é compartilhar o instante, é ouvir de verdade o que cada um tem a dizer.

A cada conversa, nasce um gesto de cuidado, um vínculo de confiança, uma pequena transformação. É assim que o SEAS faz da presença uma forma de ética — e do encontro, uma oportunidade de revelar a força que habita cada pessoa.

A fenomenologia nos ensina que compreender o outro começa pela escuta atenta, sem julgamentos, onde o sofrimento ganha voz e o sentido começa a se reconstruir. Nesse olhar sensível, o profissional do SEAS se torna um companheiro de jornada, alguém que reconhece, nas entrelinhas da dor, os sinais de resistência e de esperança.



O SER-NO-MUNDO: EXISTÊNCIA E COTIDIANO

UMA ABORDAGEM
FENOMENOLÓGICA SOBRE O
VIVER, AGIR E SIGNIFICAR NO
DIA A DIA

A existência humana, segundo o filósofo Martin Heidegger, é uma realidade concreta e inevitável. Desde o nascimento, o ser humano é lançado no mundo, inserido em um contexto que o molda — sua família, cultura e condições de vida. Essa “facticidade” revela que o homem não escolhe onde nasce, mas é nesse cenário que constrói o sentido da própria existência.

Entretanto, na rotina cotidiana, o indivíduo tende a viver de forma inautêntica, conformando-se às normas sociais e perdendo o contato com seu verdadeiro ser. Apesar disso, o cotidiano também pode ser o ponto de partida para uma vida mais autêntica, pois é nele que o ser humano tem a oportunidade de se reconhecer, refletir e buscar viver de forma mais consciente e significativa.

Heidegger destaca que o ser humano não é algo fixo, mas um ser que se projeta para o futuro, capaz de refletir sobre si mesmo e dar significado à sua vida.

Inspirado por essa ideia, Jean-Paul Sartre afirmou que “a existência precede a essência”, ou seja, cada pessoa se define por suas escolhas e ações.

Somos convidados a olhar para o dia a dia não como um simples hábito repetitivo, mas como um espaço de despertar — onde cada escolha pode revelar o sentido mais profundo de existir.

CULTURA EM EXPERIÊNCIA:

DESCUBRA OBRAS QUE EXPLORAM A VIDA, A PERCEPÇÃO E AS RELAÇÕES HUMANAS



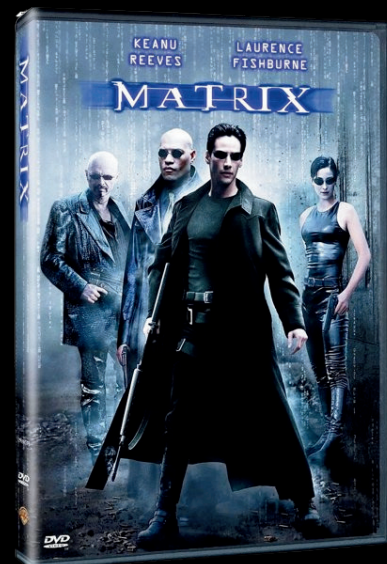
MATRIX (1999):

Sinopse:

Neo descobre que sua realidade cotidiana é uma ilusão criada por máquinas e precisa decidir entre aceitar a verdade ou continuar vivendo na mentira.

Por que assistir:

Um mergulho sobre percepção, identidade e liberdade, mostrando como a experiência vivida molda nossa compreensão do mundo.



FILMES

A CHEGADA (ARRIVAL, 2016):

Sinopse:

Uma linguista é chamada para decifrar a linguagem de alienígenas recém-chegados à Terra, desafiando sua percepção do tempo e da comunicação.

Por que assistir:

Mostra como a linguagem e a forma de perceber o mundo transformam nossa experiência e entendimento da existência.



CULTURA EM EXPERIÊNCIA:

DESCUBRA OBRAS QUE EXPLORAM A VIDA, A PERCEPÇÃO E AS RELAÇÕES HUMANAS



TEMPO PERDIDO- LEGIÃO URBANA

A música nos convida a refletir sobre a passagem do tempo e a consciência da vida. Ao falar sobre aproveitar cada momento, ela se conecta com a ideia de experiência vivida e como percebemos o mundo ao nosso redor, lembrando que cada instante molda nossa existência.

LEGIÃO URBANA

DOIS

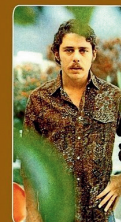
MÚSICAS



COTIDIANO- CHICO BUARQUE

Ao narrar pequenas ações do dia a dia, a canção transforma o cotidiano em objeto de reflexão. Cada gesto e rotina revelam como vivenciamos o mundo e nos relacionamos com os outros, tornando a experiência aparentemente banal carregada de significado existencial.

Chico Buarque



construção

No dia a dia, fazemos várias coisas: trabalhamos, cuidamos, convivemos, protestamos, comemoramos. Tudo isso parece comum, mas cada ação carrega sentidos e emoções que nem sempre percebemos.

É isso que a fenomenologia busca entender: como as pessoas vivem e dão significado às suas experiências.

Estudar o social não é só observar comportamentos ou números. É entender o que as pessoas sentem, pensam e como interpretam o mundo à sua volta, é nesse contato que surgem os significados da vida social.



O SENTIDO DAS NOSSAS AÇÕES COTIDIANAS



COMO NOSSAS ROTINAS REFLETEM VALORES, COSTUMES E FORMAS DE CONVIVÊNCIA

O pesquisador que usa a fenomenologia tenta ouvir sem julgar, deixando de lado ideias prontas para compreender como cada pessoa vive o seu cotidiano. Assim, o que antes parecia só rotina — um trabalho, um cuidado, uma tradição — passa a ser entendido como parte da forma de existir de cada um.

Esse olhar revela o lado afetivo e simbólico das relações humanas. Mostra, por exemplo, como trabalhadores criam um sentimento de pertencimento, como comunidades lidam com a exclusão ou como um ritual pode unir as pessoas. Tudo isso faz parte do chamado “mundo vivido” — o espaço das experiências reais, onde sentimos e damos sentido ao que fazemos.



SER-NO-MUNDO PERIFÉRICO

ENTRE A EXCLUSÃO E A
CRIAÇÃO: O COTIDIANO DE
QUEM RESISTE NAS BORDAS DA
CIDADE

Quando pensamos em periferia, muitos imaginam apenas ruas simples, casas humildes e barreiras sociais. Mas, para quem vive ali, a periferia é muito mais que um lugar: é um mundo de sentidos, resistência e afirmação. São sujeitos que, mesmo diante da marginalização, constroem maneiras próprias de existir, cuidar e lutar. Em meio às desigualdades e estigmas, cada gesto cotidiano — trabalhar, conviver, resistir — carrega um significado único, moldado pela experiência de viver “na margem”.

Olhar a periferia pela lente da fenomenologia é acolher a riqueza dos modos de viver. É entender que existir ali não é apenas sobreviver, mas existir com sentido. O mundo vivido nas periferias tem suas próprias lógicas, vozes e saberes, que precisam ser ouvidos e valorizados. Afinal, tanto o “ser” quanto o “mundo” se constroem juntos — nas relações, nas práticas e nos significados compartilhados que nascem da vida real.

A fenomenologia nos convida a escutar essas vivências, a compreender como quem vive na periferia não está apenas no mundo, mas habita um mundo que fala e responde, seja em rodas de conversas, um mutirão comunitário ou um gesto de solidariedade. Revelam formas de estar no mundo, dizem muito sobre o que é existir aqui e agora. Os modos de vida se constroem sempre em relação com o outro, seja com quem exclui, com quem apoia ou com quem resiste.

A ESCUTA FENOMENOLÓGICA NA CLÍNICA E NA SAÚDE MENTAL

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO
COMO FUNDAMENTO DA
PRÁTICA PSICOLÓGICA E DO
CUIDADO TERAPÊUTICO

Quando procuramos terapia, muitas vezes pensamos em “consertar” algo que está errado. Mas e se o verdadeiro caminho for outro? E se o mais importante for entender como vivemos o que sentimos, como o mundo se abre ou se fecha para nós? É isso que a fenomenologia propõe dentro da clínica: olhar para a experiência de estar no mundo, e não apenas para o problema.

Essa clínica é um espaço onde o silêncio também fala, onde as palavras ganham tempo e onde o terapeuta não traz respostas prontas, mas perguntas que abrem caminhos. A terapia deixa de ser apenas um tratamento e se torna uma jornada de descoberta, para que você possa se reconectar com o seu modo de existir e encontrar novos sentidos para a vida.

Na escuta fenomenológica, o terapeuta não se prende a rótulos ou diagnósticos. Ele ajuda você a explorar o que sente, como sente e onde esse sentir acontece. Juntos, paciente e terapeuta investigam o mundo vivido: o que significa estar triste, ansioso ou confuso — não de forma teórica, mas pessoal e real. A atenção está no seu jeito único de existir, mesmo nas dores e nas crises.

A fenomenologia entende que você não é um conjunto de sintomas, mas um ser-no-mundo, alguém que sente, busca e se transforma. Seu sofrimento e suas emoções não são falhas, mas portas para novas formas de viver. Assim, a clínica fenomenológica é um convite: ouvir-se de verdade, reconhecer o próprio sentir e redescobrir o sentido de existir.

SER-NO-MUNDO DIGITAL

UMA LEITURA
FENOMENOLÓGICA DA
EXPERIÊNCIA HUMANA NA VIDA
ONLINE




Você já parou para pensar como estar online mudou o que é “ser”? Hoje, nossa existência não está só no mundo real — ela também vive nas telas, nos perfis e nas mensagens. A fenomenologia convida a refletir: como é para você existir no mundo digital?



Quando postamos, comentamos ou apenas observamos, não estamos só consumindo conteúdo — estamos habitando um novo mundo, onde o “eu real” e o “eu virtual” se misturam. Cada curtida, mensagem ou silêncio na rede revela um jeito de estar no mundo. A tecnologia deixa de ser apenas ferramenta e passa a moldar quem somos.

Viver online é relacionar-se — com pessoas, com algoritmos, com comunidades. Às vezes estamos presentes, outras vezes distantes, mas sempre conectados. O que antes era “offline” e “online” agora se mistura em um só mundo.

Ser no mundo digital é viver, refletir e se reinventar. Não somos apenas usuários, mas habitantes de um universo expandido, e a fenomenologia nos ajuda a enxergar essa vida online como parte real da nossa existência.



FENOMENOLOGIA E MUNDO VIVIDO

O COTIDIANO COMO
HORIZONTE DE SENTIDO E
EXPRESSÃO DO EXISTIR

O conceito de mundo vivido — ou *Lebenswelt*, em alemão — é fundamental na filosofia fenomenológica de Edmund Husserl. Ele representa o mundo tal como o experimentamos em nossa vida cotidiana, antes de qualquer explicação teórica ou científica. É a realidade que sentimos, percebemos e compartilhamos no dia a dia.

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty traz uma contribuição importante: o papel do corpo. Para ele, “é pelo corpo que habitamos o mundo”. Isso significa que a percepção não é passiva — é uma forma ativa de se relacionar com o mundo e com o outro.

A fenomenologia busca resgatar essa vivência direta, rompendo com a visão objetiva e fria do conhecimento moderno, que muitas vezes afasta o ser humano da própria experiência. O sociólogo Alfred Schütz reforça essa ideia ao afirmar que “o mundo da vida cotidiana é o palco onde se desenrolam todas as ações humanas”. É nesse mundo vivido que se formam os significados sociais, culturais e afetivos que orientam nossas ações.

Como disse Merleau-Ponty, “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo”. Essa frase nos lembra que é na vivência concreta, no encontro com o outro e nas pequenas experiências cotidianas que construímos o verdadeiro sentido da realidade.

ONDE O EU ENCONTRA O OUTRO

A INTERSUBJETIVIDADE COMO ORIGEM DO SENTIDO E DA EXISTÊNCIA SOCIAL

Nesse contexto, a intersubjetividade ocupa um lugar central, pois é ela que dá base à vida social e torna possível a existência de um mundo compartilhado entre as pessoas. Como explica Husserl (1954), “a constituição do outro e do mundo comum é condição necessária para a própria constituição do eu”.

A intersubjetividade é, portanto, o ponto de partida da experiência social. É quando reconhecemos o outro como alguém consciente — tão real quanto nós — que conseguimos construir uma realidade comum e objetiva.

Schütz (1979) reforça essa ideia ao dizer que o mundo social nasce das interpretações e significados compartilhados entre os indivíduos. Ou seja, é na troca e na convivência que o mundo faz sentido.

Como lembra Zahavi (2001), “a subjetividade é sempre já intersubjetiva, pois o outro está implicado na própria constituição do eu”. O mundo social, então, surge da interação entre consciências que se reconhecem e constroem, juntas, significados comuns.



Assim, a fenomenologia mostra que a vida social vai muito além de normas ou estruturas externas. Ela é feita de experiências vividas e divididas com os outros, sustentadas pela intersubjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAINI, T. S. L. Fenomenologia e existência: o ser-no-mundo em Heidegger. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.
- BINSWANGER, L. Introdução à análise existencial. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- BOSS, M. Psicanálise e Daseinsanalyse. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- CAPALBO, C. Fenomenologia e psicologia existencial: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 1998.
- FRANKL, V. E. Em busca de sentido. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HEIDEGGER, M. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HUSSERL, E. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- HUSSERL, E. Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia. São Paulo: Madras, 2001.
- HUSSERL, E. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Trad. Manuel Garcia Morente. Madrid: Revista de Occidente, 1954.
- HUSSERL, E.; HEIDEGGER, M. Fenomenologia e existência: correspondência e textos. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- KIRCHNER, R.; SILVA, G. V. M. A questão da técnica no ambiente digital em perspectiva heideggeriana. Cadernos do PET Filosofia, v. 15, n. 29, p. 139-171, 2024. DOI: 10.26694/cadpetfilo.v15i29.5464.
- MAY, R. O dilema do homem. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MOREIRA, V. O método fenomenológico na psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- NETO, H. F. M. Ser-no-mundo on-line: a investigação geográfica do habitar contemporâneo. Revista Geografias, [S. l.], 2023. DOI: 10.35699/2237-549X.24475.
- PEREIRA DA SILVA, N. H. L. Virtualidade, violência online e corpo: uma compreensão fenomenológica. Internet & Sociedade, v. 1, n. 1, p. 311-330, fev. 2020.
- SAFRA, G. Heidegger e a psicologia: um encontro possível. São Paulo: EDUC, 1993.
- SCHÜTZ, A. El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrortu, 1979.
- STEIN, E. Introdução ao pensamento de Heidegger. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- TOKUO, B. G.; DUTRA, E. M. S.; REBOUÇAS, M. S. S. Modos de ser na era virtual: um olhar da psicologia fenomenológico-existencial. Psi Unisc, v. 3, n. 1, p. 71-88, 2019. DOI: 10.17058/psiunisc.v3i1.12453.
- ZAHAVI, D. Husserl and transcendental intersubjectivity: a response to the linguistic-pragmatic critique. Athens: Ohio University Press, 2001.

Nesta obra, o olhar fenomenológico se encontra com a vida social para revelar que existir não é apenas estar no mundo, mas habitá-lo em relação. A partir da noção de intersubjetividade, a experiência humana deixa de ser algo isolado e passa a ser entendida como construção compartilhada, tecida nos encontros, nas narrativas e nos gestos cotidianos.

Essa percepção pode ser ilustrada pelo filme: A Chegada (2016), em que o contato entre humanos e uma forma de consciência desconhecida mostra que compreender o outro não é acessar informações, mas coconstruir significados.

Assim como na fenomenologia, o filme mostra que o sentido emerge no encontro — e que a existência se transforma quando acolhemos aquilo que nos é diferente. Mais do que analisar estruturas sociais, este estudo propõe um retorno ao vivido — às emoções, percepções, vínculos e sentidos que emergem quando o “eu” reconhece o “outro” como presença real, consciente e constituinte da realidade comum.

Inspirada por Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger, Schütz e autores contemporâneos da fenomenologia, a obra convida o leitor a olhar o cotidiano não como rotina mecânica, mas como espaço de significação e existência autêntica.

Compreender a sociedade sob a ótica fenomenológica é resgatar o que é humano: o gesto que acolhe, a linguagem que aproxima, a experiência que transforma.

O mundo social não está apenas fora de nós — ele se constrói no encontro entre consciências que se reconhecem, afetam-se e atribuem sentido juntas. Um convite a desacelerar, sentir, escutar e, sobretudo, habitar o mundo com presença.

Adriana Gatti
Giovana Evangelista
Mariah Monteiro
Maysa Franco

Curso de Psicologia |
Universidade Anhembi Morumbi
2025